

Utopia e estatuto da poesia em poemas de Sophia de Mello Breyner Andresen

Utopia and poetry's status in selected poems by Sophia de Mello Breyner Andresen

Ana Maria F. Côrtes

Universidade Estadual de Campinas – Bolsista CAPES/Brasil¹
anamariacortes@gmail.com

Palavras-chave: Sophia Andresen, literatura portuguesa, literatura e religião, utopia, estatuto da poesia, sagrado.

Keywords: Sophia Andresen, Portuguese literature, religion and literature, utopia, poetry's status, sacred.

Eis-me

Tendo-me despido de todos os meus mantos
Tendo-me separado de adivinhos mágicos
e deuses

Para ficar sozinha ante o silêncio

Ante o silêncio e o esplendor da tua face

(Andresen, 2015, p. 454)

1. “Para o poeta, pureza e beleza estão ligadas”, afirma Sophia de Mello Breyner Andresen no ensaio de 1967 “Hölderlin ou o lugar do poeta”. E continua:

Pois a beleza mostra a ordem, o acerto do universo, a verdade que nos seres e nas coisas se manifesta. Na beleza lemos algo que responde ao nosso destino, a significação do nosso estar na terra. [...] A missão do poeta é decifrar, revelar, mostrar e invocar essa ordem. (Andresen, 2007, p. 142)

Nessas afirmações contundentes da poeta, é possível identificar traços de seu próprio projeto poético. Em um mundo *caído*, no qual tudo foi rebaixado à esfera do profano, parte significativa da poética de Andresen procura pensar o papel do poeta e da poesia, ao mesmo tempo em que busca restabelecer a ordem sagrada que está presente nesse mundo e (re)atribuir sentido à existência humana.

¹ Orientador: Prof. Dr. Marcos Aparecido Lopes, Universidade Estadual de Campinas.

Nesse esforço de religação do mundo com a esfera do sagrado e de busca do sentido da presença do homem na terra, a poeta construiria uma espécie de projeto utópico de cunho escatológico. Dessa perspectiva, o fazer, ou, talvez, o *dizer* poético – no sentido de que a experiência poética resulta em um dizer, uma elocução criadora de mundos, a partir da palavra do poeta- seria uma tentativa, ainda que momentânea, de atingir a plenitude da união com o divino, com base na comunhão de todas as coisas, adquirindo um sentido litúrgico, na medida em que é com base no gesto de criação poética que essa nova ordem se instauraria. O projeto utópico que mencionamos estaria presente em sua obra, então, enquanto tema, questão sobre a qual a poeta escreve e, também, enquanto norte para a própria escrita poética, que restabeleceria uma ordem – relacionada à salvação que adviria de todas as coisas terrestres –, em oposição ao caos do mundano.

Partindo dessas questões, que pretendemos explorar ao longo deste texto, nosso objetivo é mostrar como se constituiria essa dimensão utópica na poesia de Andresen. Nossa leitura é a de que a poeta empreenderia uma espécie de jornada em busca do sagrado, a partir da poesia².

A despeito das especificidades de cada uma das obras da autora, escolhemos analisar poemas selecionados de diferentes livros, em virtude da extensão da obra poética de Andresen. Trabalharemos com poemas de diferentes momentos de sua obra, porque gostaríamos de mostrar como as questões propostas acima podem, em maior ou menor grau, aplicar-se a toda sua poética. Além disso, recorreremos também a suas *Artes Poéticas*, que buscam definir o que representam a poesia e a criação poética para a autora, e a alguns de seus ensaios, pois eles também, em certo sentido, podem ser entendidos como artes poéticas, na medida em que a poeta discute, nesses ensaios, sua visão acerca da poesia e do papel do poeta no mundo contemporâneo.

A ideia de um projeto utópico na poesia de Andresen está relacionada, no sentido que nos propomos a discutir aqui, ao que a professora e pesquisadora Helena Malheiro (2008) denomina “a viagem sagrada”, que possui dois aspectos fundamentais. O primeiro deles corresponde a “essa busca de essencialidade e de perfeição que sacraliza o mundo” (Malheiro, 2008, p. 239), e o segundo, à crença messiânica em Deus ou no divino e que está vinculada à espera, à ausência e à constituição de um tempo mítico “que é a eterna viagem sagrada da humanidade”

² Cabe, neste ponto, uma observação. Não ignoramos a existência de uma dimensão utópica diretamente relacionada a questões políticas de Portugal e mais particularmente ao 25 de Abril na poesia de Sophia, o que, por si só, ensinaria um outro trabalho. Assim, para este trabalho, optamos por fazer um recorte que leva em consideração, prioritariamente, poemas que apresentem a temática da relação com o sagrado e a busca por Deus, que é recorrente em sua poesia. Isso não significa que não consideremos a importância das questões de cunho explicitamente político em sua obra, muito pelo contrário; parece haver, em toda a sua poesia, um horizonte ético bastante definido, que inclui as questões políticas de seu próprio país e, também, o estatuto da poesia e do poeta em uma sociedade em que o terreno se converteu em mundano.

Sobre a relação entre a poesia de Andresen e a política, afirma Silva que “o lugar do poeta na cidade dos homens é tema a que Sophia dedica alguns ensaios. Neles, recusa a atitude modernista que defende a arte dissociada por completo da ética e da política, sem contudo afiliar-se ao neo-realismo seu contemporâneo, que defende a arte a serviço da política” (Silva, 2007, p. 39).

(Malheiro, 2008, p. 241). Nessa jornada, o fazer poético se torna fundamental, já que permitiria a reconciliação entre homens e deuses. Em um mundo no qual a poesia perdeu, assim como as coisas, seu lugar sagrado, Sophia tenta recuperar o lugar da palavra poética.

Nesse sentido, a poeta defende “a existência de um lugar para a poesia num tempo de penúria. Sabe [a poeta] que a poesia é ela mesma transformadora e criadora de mundo” (Silva, 2007, p. 14). Nas *Artes poéticas* de Andresen e nos ensaios *Hölderlin ou o lugar do poeta*, *Poesia e realidade* e *Poesia e revolução*, aparece a importância do poeta e de seu ofício no processo de formação de uma aliança, de religamento entre os sujeitos e o mundo. Trata-se da coexistência entre o mundo sensível e o espiritual, a partir de uma convivência com as coisas do mundo e da criação de relações de alteridade com esse outro que está fora do poeta.

O poeta desempenharia um papel central nesse processo de *religação* do homem com o Real e, ao mesmo tempo, com o sagrado, garantindo que “o terrestre não se perverta em mundano” (Andresen, 1967 apud Silva, 2007, p. 142). A poeta, cuja obra possui estreita relação com as de Rilke e Hölderlin, afirma que este último “era o poeta em estado puro. A poesia era nele uma forma de santidade. Era a vocação total do sagrado. Por isso ele era incompatível com um mundo dessacralizado, incompatível com tudo quanto não tivesse sentido divino” (Andresen, 1967 apud Silva, 2007, p. 140).

A poesia enquanto vocação para o sagrado, capaz de resgatar os sujeitos, inclusive o poeta, de um cotidiano sem imagens, estaria presente, acreditamos, também em Andresen, cujo fazer poético seria uma tentativa de resgate do terrestre e de encontro com o divino, “no plano da criação” (Andresen, 1967 apud Silva, 2007, p. 141). O terrestre não está naturalmente apartado do divino, mas fez parte dele. No ensaio *Poesia e revolução*, Andresen afirma que “é a poesia [...] que estabelece a relação inteira do homem consigo próprio, com os outros, e com a vida, com o mundo e com as coisas” (Andresen, 1977, p. 78). Não iremos nos estender, neste trabalho, na análise da categoria de inteireza ou plenitude trazida por Andresen no ensaio mencionado. Cabe, porém, ressaltar que se trata de uma categoria, pertencente ao universo religioso, a qual solicita noções como as de totalidade e integridade e implica em uma crítica à modernidade, no sentido de que põe termo à noção de um homem cindido ou fragmentado, em si mesmo e em sua relação com o mundo. Essa é uma questão central para se pensar no lugar revolucionário e utópico ocupado pela poesia, na visão de Andresen, com base na reserva semântica dessa categoria religiosa.

De acordo com nossa leitura, isso implica na existência de um lugar teológico irredutível na poesia de Andresen, na medida em que perpassam os poemas categorias do âmbito religioso e uma busca pela transcendência e pelo divino, por um elemento que foge ao universo sensível. Assim, mesmo quando fala da imanência, em poemas como “Meio-dia”³, de um “céu de todo o deus deserto”⁴, ela não perde de vista a fragilidade desse momento e a existência de outro plano,

³ Poema de *Poesia* (1944).

⁴ Versos do poema “Meio-dia”, de *Poesia* (1944).

habitado pelos fantasmas e almas cuja presença o sol aberto do meio-dia torna desnecessária, mas que retornam junto com as sombras da noite e a busca por um tempo mítico e de plenitude.

A questão é que, como afirmamos, vivemos em um mundo decaído, que perdeu sua pureza (“[as coisas] vêm dum mundo onde a aliança foi quebrada”, diz a autora na *Arte poética I*), e cabe ao poeta fazer o caminho inverso, de retorno e tentativa de reconexão com o plano divino. Ainda na *Arte poética I*, Andresen diz:

Este é o reino que buscamos nas praias de mar verde, no azul suspenso da noite, na pureza da cal, numa pequena pedra polida, no perfume do orégão. Semelhante ao corpo de Orfeu dilacerado pelas fúrias este reino está dividido. Nós procuramos reuni-lo, procuramos a sua unidade, vamos de coisa em coisa⁵. (Andresen, 2015, p. 890)

É nesse sentido que Sophia recorre frequentemente a imagens que pertencem ao universo imanente e à paisagem natural, como o mar, a praia, as conchas. Em termos de um projeto utópico, a partir dessas imagens, a poeta procura mapear uma ordem social, que é, em certo sentido, revisada e afastada por seu fazer poético, ao mesmo tempo em que se aproxima da harmonia da natureza, como mostraremos nos exemplos a seguir.

Uma das imagens representativas dessa ordem da qual a poeta busca se distanciar é a das cidades. De maneira geral⁶, a poeta apresenta uma atitude hostil em relação ao espaço urbano, que é descrito como “sujo”, “hostil” e “triste” e seus muros e paredes enclausuram o sujeito poético em um mundo no qual “nem o crescer do mar, nem o mudar das luas”⁷ têm espaço, como revelam os versos no poema “Cidade”⁸:

Cidade

Cidade, rumor e vaivém sem paz das ruas,
Ó vida suja, hostil, inutilmente gasta,
Saber que existe o mar e as praias nuas,
Montanhas sem nome e planícies mais vastas
Que o mais vasto desejo,
E eu estou em ti fechada e apenas vejo
Os muros e as paredes, e não vejo
Nem o crescer do mar, nem o mudar das luas.

Saber que tomas em ti a minha vida
E que arrastas pela sombra das paredes
A minha alma que fora prometida
Às ondas brancas e às florestas verdes. (Andresen, 2015, p. 74)

⁵ Itálico nosso.

⁶ Sobre as diferentes percepções da cidade da obra de Andresen, ver Cerqueira, 2011.

⁷ Versos do poema “Cidade”, do livro *Poesia* (1944).

⁸ Poema de *Poesia* (1944).

Todos os poemas foram retirados da *Obra poética* (2015), de Sophia de Mello Breyner Andresen, da Ed. Assírio e Alvim.

No ambiente descrito no poema, o barulho das pessoas se movimentando é a primeira característica que se sobressai – questão, aliás, frequente nos poemas de Andresen. Nesse contexto, são recorrentes os termos que ressaltam essa particularidade do ambiente urbano, a partir das aliteraões em *v*, *s* e *z*, as quais dão a ideia de um lugar agitado, movimentado (Cerqueira, 2011, p. 86), e não de maneira convidativa, já que a vida na cidade é descrita como hostil. Além disso, as imagens dessa cidade revelam que ela é um lugar desagradável aos olhos da poeta, especialmente se comparada ao ambiente de liberdade e limpidez do mar e das florestas. Esse ambiente citadino, que *arrasta* o homem e *toma* sua vida, afastando sua alma do lugar que lhe fora prometido, junto “às ondas brancas e às florestas verdes”, faz com que a imagem das cidades se aproxime daquela da Babilônia bíblica⁹, cidade corruptora dos homens (Cerqueira, 2011, p. 85). Esse ambiente é coberto por “uma terrível atroz imensa/desonestidade” e, nele, “O mal procura o mal e ambos se entendem/ Compram e vendem/ E com um sabor a coisa morta” (Andresen, 2015, p. 506). O espaço urbano, sombrio e degradante, possui, contudo, um elemento de sedução; ele atrai o sujeito poético com suas luzes, “Acesas e magnéticas chamando/ Sob o infinito céu das tardes frias” tornando-se ambivalente, como nesses versos do poema “As cidades”¹⁰. Essa beleza sedutora contida no resplandecer das cidades encerra entre seus muros a perdição e o aprisionamento do poeta.

Na poesia de Andresen, as cidades apenas deixam de ser um ambiente de inquietação, quando se aproximam da ordem harmoniosa da natureza, como em “Brasília”, poema de *Geografia* (1967). A cidade, erguida pela deusa Athena, é “ordenada e clara como um pensamento/ E há no arranha-céus uma finura delicada de coqueiro” (Andresen, 2015, p. 566). É quando se afastam de seus atributos característicos e se reconciliam com o mundo natural que as cidades passam a fazer parte, de maneira positiva, do projeto poético de Andresen.

2. O pesquisador Federico Bertolazzi, em prefácio aos *Contos exemplares* (1962), afirma que, no conto “A Viagem”, os protagonistas são “incapazes de colher o presente e o real que estão ao seu alcance [...] porque concentrados no seu destino futuro e promissor” (Bertolazzi, 2014, p. 18). Essa disposição a “colher o presente e o real”, ausente no homem e na mulher do conto, parece, ao contrário, perpassar a poética de Andresen. De maneira oposta a suas personagens, a poeta concentra-se no aqui e no agora, e os elementos do real que lhe interessam são aqueles que não foram corrompidos pelo homem, nos quais “não há nenhum vestígio de impureza”, como afirma no verso de “Liberdade”¹¹.

É nesse contexto que ganham destaque os elementos do espaço natural. Em certo sentido, a evocação desses elementos se aproxima de um ideal edênico,

⁹ É importante destacar que, apesar de, na Bíblia, as cidades serem o palco de conflitos e queda da humanidade, como ocorre na Babilônia, Babel, Sodoma e Gomorra etc., a oposição que se estabelece é entre a cidade de Deus e a cidade dos homens, não entre a cidade e a natureza.

¹⁰ Poema de *Dia do mar* (1947).

¹¹ Poema de *Mar novo* (1958).

de retorno ao Paraíso. Considerando nossa proposta de pensar em um projeto utópico que estaria presente na poética de Andresen, a retomada dessas imagens e a tentativa do sujeito poético de se religar a elas parece contribuir para sua tentativa de restabelecer uma ordem foi que quebrada. Dentre os diferentes elementos da paisagem trazidos pela poeta, destacamos, a título exemplificativo, o búzio, que aparece, entre outros, no poema “Como o rumor”, que compõe o livro *O nome das coisas* (1977):

Como o rumor

Como o rumor do mar dentro de um búzio

O divino sussurra no universo

Algo emerge: primordial projeto (Andresen, 2015, p. 659)

O búzio, considerado em algumas religiões um oráculo, aparece no poema, em uma comparação, como o “sussurro divino no universo”. Através de um olhar atento às coisas do mundo, como o mar e o búzio, seria possível escutar os deuses e encontrar uma espécie de resposta à busca por um mundo reconstruído. O “primordial projeto” de aliança entre homem e mundo nos é oferecido pelos seres e coisas colocados diante de nós e é tarefa do poeta devolver seu sentido sagrado, revelar e restaurar essa “aliança entre a condição humana e a divina” (Silva, 2007, p. 19). Nessas imagens e, mais do que isso, nessas palavras que ela nomeia, a poeta encontra o caminho para a salvação, a partir do gesto mágico de nomeação (Machado, 2012, p. 64).

Ainda em relação ao poema *Como um rumor*, o emprego exclusivo de verbos no presente do indicativo (sussurra; emerge) remete, simultaneamente, à ideia de presentificação da união entre o poeta e a esfera do sagrado, a partir da criação poética, e de união dos tempos, com base em um movimento circular, contínuo, como seria o próprio tempo em sua poesia. O círculo, que aparece com frequência em sua poesia, é a imagem da perfeição, da eternidade, “lugar de passagem entre o horizontal e o vertical, entre o terrestre e o espiritual, entre a vida e a morte, e a ressurreição, talvez” (Malheiro, 2008, p. 247).

Outro exemplo de como a poeta trabalha com a ideia de repetição, aliada à sacralização de elementos do cotidiano (Malheiro, 2008, p. 252), está no poema “Mar”:

Mar

De novo o som o ressoar o mar

De novo o embalo do tumulto mais antigo

E a inteireza de instante primitivo

De novo o canto o murmurar o mar

Que se repete intacto e sacral

De novo o limpo e nu clamor primordial (Andresen, 2015, p. 914)

O poema trata, novamente, do “encontro com a natureza, que é, sobretudo, um encontro com a sua própria interioridade, iluminada pela crença numa religiosidade que transcende o visível” (Magalhães apud Malheiro, 2008, p. 252).

Em seus seis versos, o poema apresenta apenas um verbo, (*se*) *repete*. Como no poema que discutimos acima, ele está no presente do indicativo. Há, no poema,

outros dois termos que merecem destaque quando falamos sobre as formas verbais, *murmurar* e *ressoar*. Ambos são, originalmente, verbos, mas aparecem, no poema, substantivados e como núcleos dos sintagmas de que fazem parte. Esse processo confere destaque ao som produzido pelas ondas do mar, que aparece também em *clamor*, e em *som*, no primeiro verso. Mencionamos, anteriormente, a importância da dimensão da escuta na poética andresiana, que aparece novamente nesse poema. O ressoar característico do mar é um som que merece ser destacado porque pertence a um espaço ao qual o sujeito poético deseja se religar, ao mesmo tempo em que compõe, com seu ritmo cadenciado e constante, um cântico, uma música que aproxima o sujeito do poema dos deuses.

Nesse poema, porém, a ideia de repetição, de que falamos acima, não se limita às formas verbais, podendo ser identificada na estrutura paralelística presente nas duas estrofes de que é composto. A expressão “de novo” aparece em quatro dos seis versos do poema e é, ela própria, uma expressão que denota repetição. Além disso, as duas estrofes possuem um sentido similar e quase parafrástico; em ambas, estamos diante do marulhar, que, em seu movimento contínuo e incessante, torna-se sagrado. Ao contrário de outros elementos do universo, ele “se repete intacto e sacral”, sem se deixar contaminar pela penúria de nossos tempos e, assim como “o rumor do mar dentro de um búzio” do poema anterior, coloca-nos diante da esfera do sagrado. E, como a dimensão sonora parece importante para essa religação do homem com o mundo e com o divino, o poema também está repleto de aliterações em *m* e *n* (*som*, *embalo*, *limpo*) e em *s* (*ressoar*, *sacral*). Nesse contexto, o poema parece criar um tempo próprio, apartado do tempo do mundo, que não tem princípio nem fim e no qual se torna possível, ainda que apenas por alguns instantes, a união com a divindade.

Mas a própria poeta reconhece que essa religação, esse encontro com o Real e com o sagrado¹² nunca se dá por completo. Ela afirma, no ensaio *Poesia e realidade*, que “a relação do homem com as coisas nunca é uma túnica sem costura. Há sempre uma lacuna. Essa lacuna o poeta leva-a como uma ferida na sua carne ou, como diz Hölderlin, como um espinho no seu peito” (Andresen, 1960, s/p). Nesse sentido, há sempre uma *falta* no fazer poético e, no caso específico de que tratamos, na poesia de Andresen. Em vários de seus poemas, o eu-lírico se vê diante de uma procura, de uma espera que, no limite, é a busca pela união e pelo encontro com a divindade. Sua “jornada para o sagrado”, nos termos de Helena Malheiro, é repleta de percalços, de passos em falso, de, como afirmamos, vazios. Um exemplo é o poema “Sinal de Ti”, que compõe a obra *Poesia* (1944):

Sinal de Ti

Não darei o Teu nome à minha sede
De possuir os céus azuis sem fim,
Nem à vertigem súbita em que morro
Quando o vento da noite me atravessa.

¹² De uma perspectiva religiosa, o “Real” é o “Sagrado”, como afirma Mircea Eliade em *O Sagrado e o Profano* (1965): “É evidente que se trata de realidades sagradas, pois o sagrado é o real por excelência.” (Eliade, 1992, p. 50) (sublinhado nosso).

Não darei o Teu nome à limpidez
De certas horas puras que perdi,
Nem às imagens de oiro que imagino
Nem a nenhuma coisa que sonhei.

Pois tudo isso é só a minha vida,
Exalação da terra, flor da terra,
Fruto pesado, leite e sabor.

Mesmo no azul extremo da distância,
Lá onde as cores todas se dissolvem,
O que me chama é só a minha vida.

II

Tu não nasceste nunca das paisagens,
Nenhuma coisa traz o Teu sinal,
É Dionysos quem passa nas estradas
E Apolo quem floresce nas manhãs.

Não estás no sabor nem na vertigem
Que as presenças bebidas nos deixaram.
Não Te tocam os olhos nem as almas,
Pois não Te vemos nem Te imaginamos.

E a verdade dos cânticos é breve
Como a dos roseirais: exalação
Do nosso ser e não sinal de Ti.

III

A presença dos céus não é a Tua,
Embora o vento venha não sei donde.

Os oceanos não dizem que os criaste,
Nem deixas o Teu rasto nos caminhos.

Só o olhar daqueles que escolheste
Nos dá o Teu sinal entre os fantasmas. (Andresen, 2015, pp. 116-117)

O poema reúne as diversas questões sobre as quais viemos falando. Em primeiro lugar, o eu-lírico vai listando diversos elementos naturais, que pertencem à esfera da imanência, como os oceanos, os céus, o vento e a terra (Malheiro, 2008, p. 244). Como mostramos em outros exemplos, é a partir dessa conexão com o Real que seria possível à poeta alcançar a plenitude do encontro com Deus. Sobre essa questão, Andresen afirma, em entrevista a Miguel Serras Pereira, que

o Cristianismo é também uma relação com a imanência. [...] o Cristianismo para mim é a positividade extrema, uma vez que se funda na Ressurreição. O mundo grego é detido pela morte; o mundo cristão não é detido pela morte. (Andresen, 1985, s/p)

No poema em questão, o encontro com Deus não passa de um desejo; o eu-lírico procura, em vão, por um sinal da divindade na natureza. Nada no mundo

visível indica para ele quem é Deus ou o lugar onde Ele se encontra. É apenas o olhar dos Eleitos, aqueles que compartilharão a experiência de ressurreição e salvação divinas, que se revela como sinal verdadeiramente divino: “Só o olhar daqueles que escolheste/ Nos dá o Teu sinal entre os fantasmas” (Andresen, 2015, p. 117).

Por outro lado, ao contrário do Deus que o eu-lírico procura, as divindades gregas, Dionísio e Apolo, que “sintetizam a plenitude do Real” (Malheiro, 2008, p. 272), estão presentes. Ressaltamos a menção a esses deuses no poema por dois motivos. Em primeiro lugar, porque trazem o panteísmo grego, ao lado do cristianismo, marca da poesia de Andresen. Em segundo lugar, porque Apolo e Dionísio representam a duplicidade do homem, de acordo com o orfismo. “A escatologia órfica procura uma salvação pela integração, ou re-integração, do homem no universo. Neste sentido, é órfica a ‘aliança com as coisas’ (Lukaszuk, s/d, p. 89), preconizada pela poeta.

Como afirmamos, essa aliança não é perfeita, havendo uma *lacuna* deixada na tessitura entre o poeta e o Real, explicitada por Andresen, que se faz presente mais uma vez e está relacionada à oposição presença/ausência, que marca a relação da poeta com a divindade. Ao mesmo tempo em que “É o teu rosto ainda que eu procuro/ Através do terror e da distância/ Para a reconstrução de um mundo puro” (Andresen, 1958, s/p), como diz o eu-lírico no poema “É o teu rosto...”, de *Mar novo* (1958), a poeta pergunta, em *Será possível*: “Será possível que nada se cumprisse?” e “Que nada sejam senão seu rosto ido/ Sem regresso nem resposta – só perdido?” (Andresen, 2015, p. 701). No entanto, mesmo diante do vazio, do silêncio e de promessas não cumpridas, o poema continua sendo seu lugar de regresso, pois é apenas nele que, ainda que momentaneamente, a aliança é alcançada. Por esse motivo, o presente do eu-lírico do poema também é retomado e se torna importante, já que é no agora que o fazer poético acontece, havendo uma expectativa de que ele se projete e sobreviva no futuro, como salvação e Presença, mesmo que esse futuro não seja, muitas vezes, mais do que crença no momento da escrita poética.

De acordo com Eiras (2013), “religiosa, esta poesia sabe que esperar a revelação não é forçar um desvendamento. Mas são necessárias a calma e a espera atenta” (Eiras, 2013, p. 18). Há, então, ao lado do desejo e da busca por uma plenitude, uma tensão com o real que permanece em seus poemas e representa, muitas vezes, essa promessa não cumprida, como no poema que encerra *Poesia*:

No ponto onde o silêncio e a solidão
Se cruzam com a noite e com o frio,
Esperei como quem espera em vão,
Tão nítido e preciso era o vazio. (Andresen, 2015, p. 120)

O eu-lírico do poema parte de um lugar de vazio (“silêncio e solidão”), dá um voto de esperança à palavra e, ao final, ainda se encontra diante do vazio. Ao mesmo tempo em que sua espera parece ter sido em vão, pois a promessa não se concretiza, ela é sinal da crença no Encontro. Sua poesia reúne os sinais dessa presença anunciada, de uma plenitude almejada, em que “cada elemento é inteiro, mas apenas na fragilidade de uma procura, prometida e improvável” (Eiras, 2013, p. 17), como no poema “As fontes”, de *Poesia* (1944), no qual a poeta

reafirma seu desejo e sua esperança na união com o divino, em versos como “Um dia quebrarei todas as pontes/ Que ligam o meu ser, vivo e total,/ À agitação do mundo do irreal,/ E calma subirei até às fontes” (Andresen, 2015, p. 106).

A poeta procura recompor o lugar do poeta e da poesia na sociedade contemporânea; ela recupera imagens do mundo imanente e empreende uma jornada de retorno ao sagrado, em meio à carência do mundo moderno. Sua poética se constrói, assim, com base nessa “viagem sagrada” de busca da presença divina. Seu reino é o da Palavra, pois a crença “no poder demiúrgico do Verbo” (Malheiro, 2008, p. 274) torna possível o encontro com o sagrado presente no mundo e o anúncio de uma “pátria nunca vista”: “É esta a ‘pátria’ que se esconde por detrás da plenitude do Ser, embora a autora nunca deixe de pressentir uma aterradora ausência que adia o Reino ansiado” (Malheiro, 2008, p. 273). Como afirma Steinberg,

A poeta procura obstinadamente alternativas para resgatar uma preciosidade que ela vê perdida, um elo perdido, identifica o papel do poeta ao dos descobridores que precisavam de ousadia para se lançar ao mar, também o poeta pós-deuses precisará de ousadia e voltar a dizer a palavra poética. (Steinberg, 2006, p. 10)

E enquanto não alcança essa pátria – ou essa *terra prometida* –, ela tem acesso ou ao menos um vislumbre desse lugar mítico e de plenitude através da palavra poética:

Regressarei

Eu regressarei ao poema como à pátria à casa
Como à antiga infância que perdi por descuido
Para buscar obstinada a substância de tudo
E gritar de paixão sob mil luzes acesas. (Andresen, 2015, p. 700)

Referências bibliográficas

- Andresen, S. M. B. (1960). Poesia e realidade. *Colóquio – Revista de Artes e Letras*, 8, 53. Disponível em: http://www.snpcultura.org/id_poesia_e_realidade.html.
- Andresen, S.M.B. (1967). Hölderlin ou o lugar do poeta. In S. M. S. Silva (2007), *Reparar brechas: A relação entre as artes poéticas de Sophia de Mello Breyner Andresen e Adília Lopes e a tradição moderna* (pp. 140-143) (Tese de doutoramento). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp034764.pdf>.
- Andresen, S. M. B. (1967). Hölderlin ou o lugar do poeta. In S. M. S. Silva (2007). *Reparar brechas – A relação entre as artes poéticas de Sophia de Mello Breyner Andresen e Adília Lopes e a tradição moderna* (pp. 140-143) (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp034764.pdf>.
- Andresen, S. M. B. (1977). Poesia e revolução. *O nome das coisas* (pp. 77-80). Lisboa: Círculo de Poesia.
- Andresen, S.M.B. (1985, 5 de fevereiro). Sou uma mistura de Norte e Sul. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Entrevista concedida a Miguel Serras Pereira.
- Andresen, S. M. B. (1992). *O nu na Antiguidade Clássica*. Lisboa: Caminho.
- Andresen, S. M. B. (2015). *Obra poética*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Bertolazzi, F. (2014). Prefácio. In S.M.B. Andresen, *Contos exemplares* (pp. 9-39). Lisboa: Assírio e Alvim.

- Cerqueira, G.P.(2011). *Mar de concreto: Uma leitura da cidade e de sua relação com o mar nos poemas de Sophia de Mello Breyner Andresen* (Dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-29092011-093725/pt-br.php>.
- Eiras, P. (2013). No deserto do mundo. In S. M. B. Andresen. *Poesia* (pp. 9-19). Lisboa: Assírio e Alvim.
- Eliade, M. (1992). *O sagrado e o profano* [PDF]. Disponível em: <http://gepai.yolasite.com/resources/O%20Sagrado%20E%20O%20Profano%20-%20Mircea%20Eliade.pdf>.
- Lucaszyk, W. (s/d). Aliança com as coisas: O mito de Orfeu em Sophia de Mello Breyner Andresen. In *Acta Universitatis Palackianae Olomucensis. Facultas Philosophica-Philologica*, 71, 85-92. Disponível em: http://www.ewa-lukaszky.com/uploads/2/0/4/9/20493194/alianca_com_as_coisas.pdf.
- Machado, R. C.M. (2012). *A emergência de abril em “O nome das coisas” (1977), de Sophia de Mello Breyner Andresen* (Dissertação de mestrado). Universidade federal de Viçosa. Disponível em: <http://locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/4859/texto%20completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.
- Malheiro, H. (2008). *O enigma de Sophia: Da sombra à claridade*. Alfragide: Oficina do Livro.
- Mexia, P.; Mendonça, J.T. (2014). *Verbo: Deus como interrogação na poesia portuguesa*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Pereira, M.S. (1985, fevereiro 5). Sophia: “Sou uma mistura de Norte e Sul” [Entrevista com Sophia de Mello Breyner Andresen]. *Jornal de Letras*, s/p.
- Silva, S. M. S. (2007). *Reparar brechas – A relação entre as artes poéticas de Sophia de Mello Breyner Andresen e Adília Lopes e a tradição moderna* (Tese de doutoramento). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp034764.pdf>.
- Steinberg, V. (2006). “No poema”: Um paradigma da tessitura poética de Sophia de Mello Breyner Andresen (Dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-24082007-152926/pt-br.php>.

Resumo

Este artigo discute a existência de uma dimensão utópica na poética da poeta portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen, e o modo como essa dimensão se constitui, a partir da análise de poemas selecionados de diferentes momentos de sua obra poética. Em nosso estudo do *corpus* poético, partimos da hipótese de que a poesia de Andresen procura restabelecer a ligação entre o mundo e a esfera do sagrado, com base na palavra poética. A partir desse gesto criador que se dá na esfera poética e, também, no mundo que o eu-lírico dos poemas contempla e que lhe serve de referente, ele buscaria o encontro com o divino e a redenção que dele adviria. Esse encontro se daria em um tempo que não tem princípio nem fim e, nesse contexto, a própria poesia seria uma tentativa de alcançar, ainda que momentaneamente e, às vezes apenas como um desejo, a plenitude da união com a divindade. Subsistiria, na poética de Andresen, uma espécie de princípio esperança, uma crença na realização de seu projeto utópico, que é simultaneamente ético e estético, na medida em que ganha forma com base no encontro entre a realidade sensível e a transcendência, através da elocução poética. A poesia readquiriria, assim, em Andresen, seu estatuto de lugar sagrado, ao mesmo tempo em que o poeta apareceria como a figura capaz de surpreender e revelar, no mundo, os instantes da presença de Deus.

Abstract

This article discusses the existence of a utopian dimension in the poetry of the Portuguese poet Sophia de Mello Breyner Andresen, and the way this dimension is constituted in her poetry. We base our analysis in a selection of poems from different moments of her poetic work. Our starting point for the study of the poetic *corpus* is the hypothesis that Andresen's poetry aims to re-establish the connection between the world and the sphere of the sacred, based on the poetic word. The poetic speaker seeks a religious experience, the encounter with the divine and the redemption that would result from it, which derives from the poet's poetic gesture and

also from the world he contemplates. This encounter happens in a sort of suspended time that has no beginning or no end. In this context, poetry itself would be an attempt to achieve, even if only momentarily and sometimes just as a desire, the plenitude of the union with God and the divine. It seems that, in Andresen's poetry, there is a kind of principle of hope, a belief in the realization of her utopian project, which is simultaneously ethical and aesthetic, insofar as it gains form based on the encounter between sensible reality and transcendence through poetic elocution. Poetry regains, in Andresen's work, its status as a sacred poetic place, at the same time as the poet appears as a figure capable of capturing and revealing the instants of the presence of God in the world.